

ANO 4 - Nº 11

outubro 2003

# REFLEXÃO

## A ÉTICA E A FORMAÇÃO DE VALORES NA SOCIEDADE

por Leonardo Boff

INSTITUTO  
**ETHOS**

EMPRESAS E  
RESPONSABILIDADE  
SOCIAL  
BUSINESS AND SOCIAL  
RESPONSIBILITY

**Instituto Ethos Reflexão** é uma publicação do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, distribuída gratuitamente a seus associados.

A mesa-redonda **Reflexões sobre a Ética e a Formação de Valores na Sociedade**, transcrita neste documento, realizou-se em 12 de junho de 2003, durante a Conferência Nacional 2003 — Empresas e Responsabilidade Social, do Instituto Ethos, no Novotel Center Norte, em São Paulo, SP.

#### **Colaboradores do Instituto Ethos**

Benjamin S. Gonçalves (coordenador), Carmen Weingrill, Leno F. Silva e Paulo Itacarambi

#### **Edição**

Benjamin S. Gonçalves e Célia Cassis

#### **Revisão**

Márcia Melo

#### **Transcrição de Vídeo**

Denise Gold (Comunicarte)

#### **Projeto Gráfico e Edição de Arte**

Planeta Terra Criação e Produção

Tiragem: 4 mil exemplares

São Paulo, outubro de 2003.

#### **Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social**

Rua Francisco Leitão, 469, 14º. andar, Conj. 1407

05414-020 — São Paulo, SP

Tel.: (11) 3897-2400 — Fax: (11) 3897-2424

Site: [www.ethos.org.br](http://www.ethos.org.br)

É permitida a reprodução desta publicação, desde que previamente autorizada por escrito pelo Instituto Ethos.

#### **Esclarecimentos importantes sobre as atividades do Instituto Ethos:**

1. O trabalho de orientação às empresas é voluntário, sem nenhuma cobrança ou remuneração.
2. Não fazemos consultoria e não autorizamos nem credenciamos profissionais a oferecer qualquer tipo de serviço em nosso nome.
3. Não somos entidade certificadora de responsabilidade social nem fornecemos “selo” com essa função.
4. Não permitimos que nenhuma empresa (associada ou não) ou qualquer outra entidade utilize a logomarca do Instituto Ethos sem nosso consentimento prévio e expressa autorização por escrito.

Para esclarecer alguma dúvida ou nos consultar sobre as atividades de apoio do Instituto Ethos, contate-nos, por favor, pelo link Fale Conosco, do site [www.ethos.org.br](http://www.ethos.org.br), no qual será possível identificar a área mais apropriada para atendê-lo.

Impresso em Reciclato — capa 180 g/m<sup>2</sup>, miolo 120 g/m<sup>2</sup> — da Cia. Suzano, o offset brasileiro 100% reciclado.

## APRESENTAÇÃO

*O movimento de responsabilidade social empresarial se fundamenta na ética. Nenhuma empresa pode ser socialmente responsável se não tiver um comportamento ético em relação aos públicos com os quais se relaciona e um declarado compromisso com a sustentabilidade social e ambiental da comunidade em que atua, do país e do mundo. Por essa razão, a ética é assunto recorrente nesta publicação e foi o tema central da Conferência Nacional 2003 do Instituto Ethos: Ética e Responsabilidade Social.*

*Entre as várias questões discutidas durante o encontro estava o modo como as empresas devem enfrentar dilemas éticos nas relações com seus diversos públicos. Para debater o assunto, organizaram-se duas mesas-redondas que, não sem motivo, estiveram entre os eventos mais concorridos da programação. A primeira delas, cujo conteúdo publicamos na edição anterior de **Instituto Ethos Reflexão**, desenvolveu-se em torno da palestra sobre ética nas empresas proferida pelo consultor organizacional Victor Pinedo.*

*A segunda, intitulada **A Ética e a Formação de Valores na Sociedade**, permitiu aos participantes um inesquecível contato com o carisma do teólogo Leonardo Boff. É a íntegra dessa mesa-redonda que temos o prazer de apresentar nesta edição, incluindo o debate que a ela se seguiu, sob o comando de Helio Mattar, presidente do Instituto Akatu pelo Consumo Consciente, com a participação dos debatedores Maria Rita Kehl, psicanalista e escritora, Sueli Carneiro, diretora-executiva do Geledés — Instituto da Mulher Negra, e Mário Sérgio Cortella, consultor organizacional e professor nas áreas de teologia e educação da PUC-SP.*

*O envolvente discurso de Leonardo Boff revela sua esperança num salto de qualidade resultante da cooperação entre o governo e a sociedade organizada em direção a um novo Brasil — “um país com um novo rosto, com mais justiça e inclusão social”. Para isso, segundo o teólogo, “a ética da responsabilidade, centrada na vida, é um imperativo. Responsabilidade, cuidado e solidariedade poderão estabelecer um patamar mínimo para que alcancemos um padrão de comportamento que seja humanitário”.*

# A ÉTICA E A FORMAÇÃO DE VALORES NA SOCIEDADE

Por Leonardo Boff

*Palestra proferida em 12 de junho de 2003, na Conferência Nacional 2003 —  
Empresas e Responsabilidade Social, promovida pelo Instituto Ethos, em São Paulo.*

**É** com satisfação que participo desse tipo de reflexão que o Instituto Ethos conduz já há vários anos. Considero importante que empresários de nosso país comecem a caminhar, como também o fazem empresários na Europa e nos Estados Unidos, na direção de suscitar e debater questões de ética, responsabilidade social e outros campos, como a subjetividade humana e a espiritualidade.

Quero situar esta minha reflexão sobre ética, formação de valores e responsabilidade social no contexto de uma crise que afeta todas as sociedades do mundo. Essa crise não é conjuntural, é estrutural. Isso significa que atinge os fundamentos da civilização que construímos nos últimos séculos e que hoje é globalizada. Essa crise alcançou níveis tão agudos que nos obriga a pensar e a encontrar saídas inovadoras se quisermos dar conta, de forma responsável, das intimidações e dos desafios que a realidade nos apresenta e que envolvem tanto o presente quanto o futuro da humanidade.

## *Apartação social*

Vejo três eixos fundamentais nessa crise. O primeiro diz respeito à pobreza, à miséria, ao que podemos chamar de apartação social. Os indicadores são conhecidos, não preciso salientá-los. Basta considerar que grande parte da humanidade vive na pobreza e na miséria. Basta lembrar que se desenvolve em todo o mundo um processo devastador de apartação. O resultado são os excluídos, os milhões considerados “zeros econômicos” que sobrevivem à margem da sociedade e, por também serem humanos, gritam querendo viver, participar, e cada vez mais repudiam o veredicto de morte que pesa sobre sua vida.

O Brasil também vive essa grave crise social. Ela é histórica. O presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, herdou na verdade um dilúvio no qual um Noé apenas não

é suficiente para pilotar a arca. Daí a importância dos empresários, da sociedade organizada, para encontrarmos um mínimo de estabilidade e sustentabilidade e podermos dar um salto de qualidade e gerar um Brasil de “outros quinhentos”, um país com um novo rosto, com mais justiça e inclusão social.

Há hoje um risco de bifurcação na família humana, o de que os desiguais deixem de ser desiguais, mas passem a ser considerados dessemelhantes e, portanto, não mais pertencentes à família humana. Esse alerta vem sendo feito há anos pelo sociólogo francês Alain Touraine e tem sido repetido aqui por Cristovam Buarque, nosso ministro da Educação, que além de educador é um grande humanista.

Existe, pois, o risco de que efetivamente a humanidade aceite como inevitável essa separação mundial entre ricos e pobres, entre aqueles que têm abundância de bens e serviços e aqueles que estão à margem de tudo isso, sobrevivendo com enorme dificuldade — o que leva à percepção de que os laços de cooperação e solidariedade são mínimos em todo o mundo. O fato é que a política mundial retrocedeu a níveis de barbárie nunca antes observados nos últimos quinhentos anos.

## *Sistema de trabalho*

O segundo eixo da crise mundial está, a meu ver, no sistema de trabalho. Em quase todas as sociedades, tanto as de países ricos quanto as de países retardatários como o nosso, há uma grave crise de emprego. Suas causas se devem, fundamentalmente, à hegemonia que o capital especulativo tem sobre o capital produtivo, fenômeno determinado pela própria lógica da economia de mercado mundial, parcamente cooperativa e vastamente competitiva. Esse desequilíbrio leva a grandes diferenças, a lutas internas, a uma fantástica acumulação de riqueza, que é extremamente mal distribuída, o que faz com que milhões de pessoas em todo o mundo se sintam excluídas e não encontrem seu espaço dentro de nossas sociedades.

Outro problema grave relacionado à questão do trabalho, que atinge também nosso país, diz respeito à mudança na natureza do processo tecnológico. No Brasil, esse processo é evidente na indústria de ponta, na sociedade da comunicação, da informação, da automação e da robotização. É um caminho inevitável e representa um avanço para a humanidade. Mas suas conseqüências sociais devem ser pensadas, porque esse caminho não apenas cria desemprego como destrói postos de trabalho. Até hoje todas as sociedades se construíram baseadas no trabalho; a partir de agora, o que se observa é um desenvolvimento sem trabalho. E aqueles que estão no ócio vão se multiplicar aos milhões. O desafio é descobrir como passar de uma sociedade de pleno emprego para uma sociedade de plena ocupação; é saber como tornar criativo o ócio, resgatando o sentido originário do trabalho como forma humana de plasmar o mundo, liberando-nos da nossa condição de cativos, de assalariados pelo processo de produção, e dando sentido à nossa vida, ao recuperar nossa dignidade e nossa condição de seres criativos.

O trabalho é isso, é obra. Nós nos autoconstruímos pelo trabalho. Então, o que fazer para que essa realidade ganhe nova configuração? É preciso criar outro padrão de civilização. As civilizações históricas não dão conta disso. Devemos buscar outro tipo de relação social, de relação com a natureza, e encontrar outra forma de interpretar o trabalho. Tudo isso suscita um enorme problema ético: como organizar a sociedade para que as pessoas não se sintam excluídas, des-tituídas dela.

## *Alarme ecológico*

O terceiro eixo da crise, que também levanta questões éticas, está no que se pode chamar de alarme ecológico. A Terra sofre um estresse fantástico em todos os seus ecossistemas. A espécie humana ocupa 83% do planeta, e este, dada a voracidade do processo industrialista, já ultrapassou em 20% sua capacidade de resistência e de regeneração, segundo constatam vários órgãos de acompanhamento

ecológico mundial. Esse estresse enorme afeta todos os ecossistemas, mas transparece fundamentalmente em dois pontos. Um deles é a falta de alternativas para a energia fósil, que possivelmente se esgotará nos próximos trinta ou quarenta anos. O outro é a crise da água potável. Pude participar de um dos vários congressos que a Organização das Nações Unidas (ONU) propôs sobre o assunto. Neles constatou-se a dramaticidade da situação. Um dos relatórios diz que entre os anos de 2005 e 2007 poderão ocorrer guerras de grande devastação para garantir acesso a fontes de água potável. De toda a água do mundo, apenas 3% é potável, e desses 3% apenas 0,7% é acessível ao uso humano. O risco é que nos próximos anos haja a conjugação do aquecimento do clima do planeta com escassez de água. Caso isso ocorra, haverá uma crise alimentar fantástica, com ameaça a milhões de famílias, as quais se somarão ao imenso contingente de imigrantes que vagam pelo mundo, desestabilizando o frágil equilíbrio do planeta.

Esta é uma nova questão, que nasce essencialmente da maneira como nós seres humanos nos relacionamos nos últimos séculos com a natureza: de forma predatória, não respeitando a alteridade, não nos dando conta de que também somos Terra e pertencemos aos seus ecossistemas. Esquecemos que o capital biológico natural pertence à vida, e não apenas aos seres humanos. Além de nós, que nos ocupamos do meio ambiente e precisamos dos meios de sobrevivência, existe toda uma comunidade viva — animais, plantas, microorganismos e outros seres — que conosco compartilha essa aventura. É preciso elaborar uma nova benevolência, um novo tipo de relação com a natureza, cujo desenvolvimento não se faça contra ela, mas com ela, e que haja uma percepção de justa medida da escassez de seus recursos. Caso contrário, poderemos ir ao encontro do pior. E desta vez não será uma arca de Noé que salvará alguns e deixará perecer os outros. Ou nos salvaremos todos, ou morreremos todos. Seres humanos e Terra comparecem juntos diante do futuro. E juntos devemos encontrar uma solução que seja justa, que garanta a sustentabilidade.

Essas questões são incômodas. Ninguém gosta de pensar em catástrofes pesando sobre sua cabeça. Mas é necessário honrar a realidade e pensá-las enquanto é tempo, por-

que o tempo corre contra nós; tomar medidas agora, para não nos arrependermos depois. Há o risco de que nossos filhos e netos se levantem, com o dedo em riste, e nos digam: “Vocês sabiam da gravidade da situação, poderiam ter encontrado soluções, e não encontraram. Vejam que mundo vocês nos deixaram, que águas poluídas, que ares pestilentos, que instituições desumanizadas!” Porque eles também têm direito a uma Terra habitável e saudável.

Então temos de pensar na importância da alfabetização ecológica. Durante o Fórum Social Mundial de Porto Alegre, agora em 2003, conversei com Fritjof Capra<sup>1</sup> e com Marina Silva, ministra do Meio Ambiente, a respeito de iniciar a alfabetização ecológica no Brasil. Capra, que dirige um instituto na Califórnia voltado para isso, me deu a seguinte resposta: “Eu me prontifico a vir ao Brasil, mas prefiro começar a alfabetização ecológica pelos empresários, e não nas escolas, porque são eles que mais necessitam dela”. Sem dúvida, há a necessidade de uma nova relação da produção com a natureza, com a poesia, com a qualidade de vida, e não só com a qualidade dos produtos. Estou certo de que este é o objetivo do Instituto Ethos, ao se preocupar com a qualidade global da vida, de toda a corrente da vida da qual somos apenas um elo, uma parte, e não a totalidade.

## *Razão e afeto*

Nossos problemas são globais e demandam uma solução global. Poderíamos dizer que é um cenário que pede uma revolução. Não bastam reformas nem cabem processos pedagógicos muito longos, porque o tempo é curto. Carl Sagan<sup>2</sup> diz, em seu testamento: “Nós criamos o princípio da autodestruição. Temos meios de devastar profundamente a biosfera e impossibilitar o projeto planetário humano”. Porque nós temos demasiado poder. Está em nossas mãos esse poder destruidor. O futuro não depende mais da Terra, das forças diretas do universo. Depende, diz Sagan, de uma decisão política nossa. Temos de decidir viver e nos organizar para isso. Por isso, em contraponto ao princípio da

autodestruição, devemos instituir o princípio da responsabilidade, pela humanidade e pela casa comum que é o planeta Terra.

O tempo das revoluções pertence a outra história. São impossíveis revoluções hoje, porque supõem uma ideologia coletiva global, atores históricos globais. Precisamos, sim, é de uma nova base para as mudanças necessárias. E essa base deve apoiar-se em algo fundamental: na essência do ser humano. E deve ser compreensível e evidente para todos, e imediatamente viável. Considero, como outros pensadores, que deva ser uma base ética da humanidade. Mais que uma coalizão política, deverá ser uma comoção ética que irá mobilizar os seres humanos para que encontremos um novo padrão de comportamento, novos valores, preocupação e cuidado com nosso futuro, com nossa Terra e seus ecossistemas, com as condições da nossa sobrevivência e a dos demais seres vivos.

Essa coalizão de base ética é o objeto de minha reflexão agora. Os gregos diziam que o fundamento do ser humano é a racionalidade. Somos animais racionais. Esta é a crença básica do Ocidente, que vem dos fundadores da filosofia, passa pelos mestres medievais, culmina em Immanuel Kant e Friedrich Hegel e hoje persiste em Jürgen Habermas<sup>3</sup> e na Escola de Frankfurt, para dar uma referência. Parece-me, porém, uma base muito pequena. Sem a racionalidade não conseguimos conduzir nossa vida, é verdade, mas o fundamento último da existência humana não reside na razão. A razão não é nem o primeiro nem o último momento da existência, e por isso não explica nem abarca tudo.

A razão se abre para baixo, para algo mais rudimentar, ancestral, que é a afetividade. E também se abre para cima, para a dimensão da totalidade, captada pelo espírito mediante o qual nós nos sentimos parcela e parte de um todo; e

ai já não fazemos o trabalho da razão, e sim contemplamos. A razão, portanto, culmina na contemplação e funda suas raízes no afeto, na afetividade. Assim, a experiência de base não é “penso, logo existo”, mas “sinto, logo existo”.

Nós temos a comprovação empírica desse fenômeno de base. A tradição vem de Platão, passa por Santo Agostinho, São Boaventura, Blaise Pascal e pelo existencialismo

moderno. Com Sigmund Freud, Carl Jung, Alfred Adler e outros, o discurso psicanalítico afirma que a base última sobre a qual se sustenta o ser humano é o afeto — ligado à parte do cérebro mais ancestral que temos, o sistema límbico, que surgiu 230 milhões de anos atrás com os mamíferos, sua afetividade, a gestação, a intimidade e o cuidado com a cria. Mediante o neocórtex, surgido há 4 ou 5 milhões de anos, organizamos nossos conceitos, nossas visões de mundo, calculamos nossas estratégias de sobrevivência. Enraizados estamos, no entanto, no cérebro límbico, no afeto.

O psicólogo americano Daniel Goleman, em seu famoso livro *A Inteligência Emocional*, mostrou que a primeira resposta do ser humano

diante da realidade é a afetividade, e que somente três ou quatro segundos depois entra a razão em funcionamento. Somos essencialmente sentimento e afeto, inteligência emocional. Pelo afeto entramos em comunhão com a realidade, fato que o grande filósofo alemão Martin Heidegger<sup>4</sup>, em seu *O Ser e o Tempo*, analisa em detalhe, quando descreve a estrutura básica da existência, o que é estar no mundo. E estar no mundo não é estar fisicamente no mundo; é estarmos no conjunto das relações que nos entretêm e que nos sustentam; é estarmos junto com os outros, abertos à totalidade. E, se esse “estar no mundo” é uma relação sem distância, quase uma *fusion mystique* com a realidade, é porque a sentimos.

*“A razão culmina  
na contemplação  
e funda suas raízes  
na afetividade.  
Assim, a experiência  
de base não é  
‘penso, logo existo’,  
mas ‘sinto, logo existo’.”*

Nós *afetamos* a realidade e somos *afetados* por ela. E nesse jogo de *afeto* vamos construindo nossa racionalidade, nosso projeto de liberdade, nossos projetos históricos. É por meio dessa sensibilidade de fundo que elaboramos nossos valores. O valor é o caráter precioso do ser, aquilo que o torna digno de ser. Nós sentimos, percebemos valores. E é só quando sentimos e vivemos com profundidade que podemos nos movimentar no reino dos valores. É por eles que moldamos a vida e somos.

Os gregos entenderam bem isso quando chamaram esse afeto profundo de *eros*. Diz o mito arcaico: “Eros, o deus do amor, ergueu-se para criar a Terra. Antes, tudo era silêncio, nu e imóvel. Agora, tudo é vida, alegria, movimento”. É essa realidade em nós a mais profunda, é ela que nos move, e penso que hoje é a que mais faz falta na nossa cultura mundial.

Eu me recordo da última palestra que nosso querido Betinho<sup>5</sup> proferiu uma semana antes de falecer, na qual dizia que a crise mundial não é política, nem econômica, nem espiritual: a crise mundial é uma crise de sensibilidade. Porque nós não sentimos os outros como irmãos e irmãs, como seres humanos. Nós os tratamos como objetos e passamos ao largo. Se sentíssemos, não deixaríamos milhões de pessoas passando fome nem crianças nas ruas, e não permitiríamos que nossos idosos enfrentassem as filas dos hospitais e dos institutos de pensão. Nós somos cruéis e sem piedade. É a realidade, e devemos aceitar esse veredicto até na comprovação de como tratamos a humanidade, com a degradação da vida, com conflitos, guerras, de tal maneira que nossa casa se tornou estranha a todos nós. Que humanidade somos!

Temos de resgatar o *eros*, o sentimento profundo, como condição mínima para estabelecermos um consenso ético mínimo entre os seres humanos. Entretanto, importa adver-

tir que esse sentimento profundo — já acentuado por Freud e mais ainda por Jung, em sua teoria dos arquétipos — é profundamente ambíguo, porque é habitado por demônios. Deixada por si mesma, a sensibilidade pode degenerar em formas de gozo destruidor. Todos os valores contam, mas nem todos valem para todas as circunstâncias. Essa sensibilidade de base é um caudal fantástico de energia que, como

águas represadas de um rio, precisa de margens e da justa medida para não ser avassaladora. É aqui que entra a função irrenunciável da razão. A razão não é a base da existência humana, mas aponta o caminho para a afetividade. É próprio da razão ver claro e ordenar, disciplinar e definir, dar direção à afetividade.

E aqui surge uma dialética dramática entre razão e sentimento. Se a razão reprime o sentimento, triunfam a rigidez, a tirania da ordem e a ética utilitária. Se o sentimento dispensa a razão, vigoram o delírio das pulsões e a ética hedonista do puro prazer. Mas, se vigorar a justa medida e o sentimento se servir da razão para um autodesenvolvimento regado, então emerge a ética do equilíbrio, surge aquilo que compõe e

estrutura de cada um de nós, a dimensão do *animus* e da *anima*, do masculino e do feminino. Surgem a ternura e o vigor. Precisamos do vigor para o trabalho objetivo, que supõe a razão calculatória, instrumental e analítica, a qual utilizamos para garantir nossa sobrevivência, nossa comida, o futuro da nossa civilização. Pascal chamava essa razão calculatória de *esprit de géométrie* (o espírito que mede e calcula); mas, dizia ele, se tivermos apenas a razão instrumental e analítica, se não associarmos a ela o *esprit de finesse* (espírito de gentileza), que é o cuidado, a relação que protege, a relação amorosa com a realidade, especialmente com as pessoas, o trabalho será devastador.

*“Se a razão reprime  
o sentimento, triunfam  
a rigidez, a tirania da ordem  
e a ética utilitária.  
Se o sentimento dispensa  
a razão, vigoram o delírio  
das pulsões e a ética  
hedonista do puro prazer.”*



Vigor e ternura. Trabalho e cuidado. Empenho transformador e o habitar o mundo com sentimento, poesia, alegria, jovialidade, amizade, amor. São essas as forças que estruturam a existência do ser, da comunidade, da humanidade. Juntos devemos dar um sentido a essa conjugação de povos e raças, criando uma história nova; não mais a história do Brasil nem a de outro país, e sim a história da humanidade como família, como uma espécie junto das outras espécies.

## Ética do cuidado

Aqui está, eu creio, uma base radicada sobre algo fundamental: o afeto profundo que se revela na dimensão humana do cuidado. O cuidado é uma atitude amorosa para com a vida, protege a vida, quer expandir a vida. E toda vida precisa de cuidado. Se não cuidarmos da vida de uma criança que nasce, ela acaba morrendo. Lembro uma tradição filosófica que não teve repercussão na história do pensamento do Ocidente, do tempo de César Augusto, quando um dos escravos, Higino, chefe da biblioteca imperial, criou uma fábula na qual coloca o cuidado como essência do ser humano. Por que o cuidado? Porque, diz ele, o cuidado é o orientador antecipado de todos os atos. Vem antes do pensamento, antes da criatividade, antes da liberdade. Tudo o que o ser humano faz tem de fazer com cuidado, senão pode ser desastroso, destrutivo.

Heidegger dedicou o centro de seu genial *O Ser e o Tempo* ao cuidado. Durante uma longa entrevista, pouco antes de sua morte, fizeram uma crítica a ele, dizendo: “Todos os grandes filósofos elaboraram os temas básicos da filosofia, da epistemologia, da metafísica, da estética e fundamentalmente da ética. O senhor é um grande filósofo, mas não elaborou nenhuma ética”. E Heidegger respondeu ao entrevistador: “Você está enganado. Leia os parágrafos 39 a 44 de *O Ser e o Tempo* e lá encontrará toda a ética”. É a ética do cuidado. Cuidado consigo mesmo, com seu corpo, com sua vida, com seu futuro, com a natureza, com os ecossistemas. Portanto, o cuidado é a dimensão fundamental dos seres humanos. Nós cuidamos de tudo aquilo que

amamos, e amamos tudo aquilo de que cuidamos. Hoje, mais do que nunca, precisamos dessa ética mínima ligada à própria vida.

Ninguém precisa ensinar cuidado a ninguém. Uma criança sabe que não pode pisar em casca de banana e tem de cuidar de seu caderno, de sua roupa. E, no entanto, nos damos conta de que hoje o mundo é atravessado por uma grande falta de cuidado em todos os aspectos. Cidades abandonadas, crianças e jovens desassistidos, a economia devastada por processos especulativos, ecossistemas descuidados, o planeta entregue à própria sorte. É preciso elaborar uma ética do cuidado, que funciona como um consenso mínimo a partir do qual todos possamos nos amparar e desenvolver uma atitude cuidadora, protetora e amorosa para com a realidade.

## Ética da solidariedade

Junto com a ética do cuidado impõe-se uma ética da solidariedade. Solidariedade não é apenas uma virtude que podemos ter ou não ter. Solidariedade e cooperação, dizem os estudiosos de física quântica e também os cosmólogos, fazem a lei suprema do universo. Porque no universo tudo tem a ver com tudo, em todos os pontos, em todos os momentos. Todos somos interdependentes. É uma lei objetiva, cósmica. Dizem-nos os etnoantropólogos que o salto da animalidade para a humanidade ocorreu no momento em que nossos ancestrais começaram a levar o que caçavam para o grupo, de modo a dividir o alimento fraternalmente entre si. A solidariedade e a cooperação é que permitiram a sociabilidade, o surgimento da linguagem, e definem o ser humano como sócio, como companheiro — filologicamente, aquele que comparte o pão.

Somos, portanto, seres de solidariedade. O que importa é transformar esse dado objetivo da cooperação universal num projeto pessoal, num projeto político. Uma sociedade, uma comunidade ou uma empresa só funcionarão se criarem laços de cooperação, de inclusão. Só assim cada um se afinará com a lógica do Universo e se tornará benevolente e não destrutivo.

## Ética da responsabilidade

Responsabilidade é dar-se conta das conseqüências que advêm de nossos atos. Hoje lidamos com a biotecnologia, com os mistérios supremos da natureza, modificamos a base físico-química da natureza e não sabemos quais serão as conseqüências. Impõe-se uma ética da responsabilidade, da justa medida, da cautela e da prevenção. Essa ética diz o seguinte: “Aja de tal maneira que sua ação não seja destrutiva. Aja de tal maneira que sua ação seja benevolente. Ajude a vida a se conservar, a se expandir, a irradiar”. Em sua *Ética da Terra*, o grande ecólogo americano Aldo Leopold estabelece que certo é tudo aquilo que defende e protege a vida, e errado, tudo o que a ameaça, abrevia e mata.

Nós sabemos o que é bom e o que é mau para a vida. A ética da responsabilidade, centrada na vida, é um imperativo. Responsabilidade, cuidado e solidariedade poderão estabelecer um patamar mínimo para que alcancemos um padrão de comportamento que seja humanitário. Como tratar humanamente os seres humanos, como tratar bem a vida que vai além da nossa vida pessoal? Essa é a questão de fundo. Na resposta, temos de superar a visão antropocêntrica, a visão radicada somente no ser humano. Temos de nos tornar ecocêntricos, vale dizer, centrados naquilo que está pre-

sente na palavra “ecologia”: “a casa” (*oikos*), que pode ser a casa em que moramos, a cidade na qual residimos, o Estado a que pertencemos e o país que é nossa pátria. Hoje, a Terra é o grande desafio, a Terra como Gaia, como ser vivo. E nós, como seres humanos, somos a própria Terra. Não sem razão, a palavra “homem” vem de *humus*, terra fértil; e “Adão” (*adam*), o Adão bíblico, significa “filho da Terra”, e vem de *adamah*, “terra fecunda”, “terra fértil”.

Todos nós devemos fazer nossas revoluções moleculares, o que significa que cada um pode começar por si mesmo. Se olharmos a magnitude dos problemas, nós nos sentiremos impotentes. Mas, se começarmos conosco mesmos, a mudança que fizermos não ficará restrita a nós. O bem que fazemos contamina, é como uma luz que se irradia, que vai acendendo as velas já apagadas, mas sensíveis a essa luz. Então, cada um deve desafiar-se a começar por si mesmo — agora, já — a ter cuidado, a viver com mais solidariedade na fábrica, na produção, nas relações com os outros; a ser mais responsável na palavra que pronuncia, no gesto, nas medidas que toma, no processo produtivo. Então, sim, poderemos conviver como irmãos e irmãs, companheiros na mesma casa, sobre a qual nós cremos que, segundo o mito bíblico, está o arco-íris da graça, que nos dá esta promessa: nunca mais o dilúvio, nunca mais a destruição, mas a vida na sua perenidade e na sua glória.

## DEBATE

Para debater com o teólogo **Leonardo Boff**, foram convidados o diretor-presidente do Instituto Akatu pelo Consumo Consciente, **Helio Mattar** (coordenador), a psicanalista e escritora **Maria Rita Kehl**, a diretora-executiva do Geledés — Instituto da Mulher Negra, **Sueli Carneiro**, e o professor **Mário Sérgio Cortella**, do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP.

**Helio Mattar** — Após esse caloroso abraço da platéia em forma de aplausos, me parece desnecessário cumprimentar o frei Leonardo Boff. Assim, vou pedir licença para iniciar o debate. Para fazer perguntas ao frei Boff, temos o privilégio de receber aqui Maria Rita Kehl, psicanalista e escritora, Sueli Carneiro, diretora-executiva do Geledés — Instituto da Mulher Negra, e o professor Mário Sérgio Cortella, da PUC-SP. Passo então a palavra a Maria Rita, para sua primeira pergunta.

**Maria Rita Kehl** — O senhor fala de sentimentos e atitudes como delicadeza, ternura, vigor, cuidado e solidariedade, e faz um apelo para começarmos a mudança por nós mesmos. Como psicanalista, tenho percebido na sociedade uma maior disposição de transformação individual, de adesão a valores de solidariedade, de consideração com o outro. Mas, mesmo nos transformando, temos dificuldade em exercer no mundo os valores que passamos a adotar. Porque o que rege o mundo de hoje é a lógica da concentração de capital, que é absolutamente contrária ao exercício de qualquer ética da delicadeza. Então, para além dessas mudanças individuais, que grande mudança seria possível fazer para barrar essa lógica que não permite nenhuma delicadeza, nem humana nem ecológica, apesar das nossas boas intenções?

**Leonardo Boff** — Em sua *Filosofia da História*, Hegel diz que o ser humano não aprende nada da História; aprende tudo do sofrimento. Creio que estamos indo ao encontro de

uma grande crise. Mas toda crise funciona como um crisol: purifica. Ou deixamos que ela se agrave e produza uma dizimação — seja no nível da economia, com um impasse fundamental, seja no nível da ecologia, com algum desastre que afete toda a humanidade, como o aquecimento do clima ou a falta de água potável —, ou usamos nossa fraca racionalidade e, em vez de aprender do sofrimento, aprendemos por antecipação, com inteligência, com cuidado, evitando as crises e começando agora. O tempo é urgente, temos pouco tempo para isso. A aceleração da História é fantástica. Segundo o historiador inglês Eric Hobsbawn, nos últimos cinquenta anos nós evoluímos mais do que nos últimos 30 mil anos. Temos de pensar nisso, começar com medidas salvadoras, práticas inclusivas, economia menos devoradora, superar a monocultura do capital, diversificar as formas de produção e distribuição, para que os seres humanos ganhem sustentabilidade como pessoas, como sociedade, como país, como planeta. Sem isso não vejo alternativa.

**Sueli Carneiro** — Desde os gregos, persegue-se uma noção de democracia que historicamente vem convivendo com diferentes formas de exclusão. Na própria Atenas antiga, mulheres, escravos e estrangeiros não tinham plena cidadania. Diz-se que uma bula papal decretou que os negros africanos não tinham alma, e com isso foram legitimados a escravidão e o tráfico transatlântico. E Montesquieu disse em uma de suas obras que “não podemos aceitar a idéia de que Deus, que é um ser muito sábio, tenha introduzido uma alma, sobretudo uma alma boa, num corpo completamente negro”. No Brasil, todos esses valores conseguiram produzir uma realidade social que, segundo uma pesquisa recente do IBGE, torna a desigualdade racial a maior das desigualdades sociais no país. A discriminação pela cor permanece cristalizada na sociedade brasileira, e no entanto essa sociedade, apesar de todas as evidências, insiste em que vivemos

numa democracia racial, que não existe problema racial, e sim social. Escamotear, tratar hipocritamente essa realidade também consubstancia um tipo de ética presente na sociedade. Como posso ter afetividade se eu tenho a imagem que esses valores expressam do outro, daquele que é diferente do eu hegemônico? Como é possível realizar a afetividade partindo do pressuposto de Montesquieu, presente no imaginário de todos, de que essa afetividade teria de se dirigir a seres considerados inferiores? É possível resgatar esse sentimento profundo que o senhor advoga sem desconstruir cada um desses valores que sustentam essa ética perversa, historicamente cúmplice da opressão que essa racionalidade produziu? Quais são os caminhos para a desconstrução dessas éticas e desses valores que possam nos libertar para viver a afetividade e a ética do cuidado?

**Boff** — Em sua *Ética*, Aristóteles diz que há seres que são por natureza escravos, que mulher é um homem que não chegou à sua plena humanidade (*mas*, em latim), o que Tomás de Aquino repete e, para vergonha nossa, Freud também, em seu falocentrismo; e Jacques Lacan, pior ainda. Se nos colocamos dentro dessa luta, saímos do reino da razão. É como querer combater um leão colocando-se na garganta do animal: somos devorados. Penso que devemos nos colocar num patamar mais fundamental, pré-razão; a razão vem depois. A cultura afro-brasileira, de onde vem a Sueli Carneiro, é uma cultura do sentimento; não é uma cultura ocidental nem cartesiana. Os negros não pensam com a cabeça, pensam com o corpo inteiro, sentem a totalidade. É outro código, e muito mais afinado com o que eu propus aqui. Por isso os laços de solidariedade que nós definimos como tribalismos, ou tribais, laços de fraternidade, de cooperação, são naturais em sua cultura. Então temos de visitar essas culturas que nos mostram que é possível nos organizar-

mos de um modo diferente — não a despeito da razão, mas integrando de outra forma a razão —, a partir de um nível mais profundo de inclusão. Nesse sentido, muitas tribos da África estão à frente de todos nós em termos de civilização.

**Mário Sérgio Cortella** — Somos a primeira geração que está sacando o futuro por antecipação — sacando no

sentido bancário do termo mesmo. Como disse o Leonardo, talvez um dia os jovens venham de fato a nos cobrar: “O que é que vocês fizeram com o nosso futuro e, portanto, com o nosso presente?” Esse saque antecipado a que me referi significa que estamos dizendo aos jovens que não haverá futuro, não haverá meio ambiente, não haverá segurança, não haverá trabalho. E dizemos também: “Vocês não têm passado. Eu, sim, tive infância, pude viver, pude brincar, pude me relacionar”. E mais ainda: “Vocês não têm nem mesmo o presente. O que vocês comem não é comida, é lixo; o que vocês vestem não é roupa, são andrajos; o que vocês ouvem não é música, é barulho”. Os jovens não têm história. E esse é o maior risco, porque quem não tem

história quer viver até o final, e a qualquer custo, a idéia do presente. Por isso, como pensar em ética quando a sociedade elege um mote como o *carpe diem* — “aproveite o dia”, “viva o momento”? Como pensar em ética numa sociedade que vende o instante?

**Boff** — Nossa geração tem de aprender a ser solidária com as gerações que nos seguem e seguirão. Tem de aprender a amar o invisível, os filhos e os netos que ainda não nasceram. Se apenas considerarmos o dilúvio como futuro, desfrutando o mais possível o presente, poderemos chegar ao destino dos dinossauros, que num piscar de olhos desapareceram. Iremos ao encontro do pior, por arrogância, descuido, distração, falta de cuidado. Uma das mais graves

*“Nossa geração tem  
de aprender a ser solidária  
com as gerações que  
nos seguem e seguirão.  
Tem de aprender a amar  
o invisível, os filhos  
e netos que ainda não  
nasceram.”*

crises do nosso tempo é a falta de utopia. Os jovens são devorados pelo consumismo, seja real ou virtual (só pelo desejo, induzido pela propaganda, sem ter possibilidade real de acesso, por causa da pobreza), por uma cultura que a tudo erotiza, pelo consumo em massa e homogeneizador. A falta de sonhos se expressa em programas de televisão como o *Big Brother Brasil*, que para mim é a ante-sala do niilismo. Vi nos Estados Unidos um programa em que jovens se reúnem para se agredir e ver quanta dor e violência cada um agüenta. Isso é niilismo, destruição. Para eles, a vida não vale mais nada. Uma de nossas responsabilidades é criar sonhos, valores pelos quais vale a pena a gente se empenhar, encontrar um tempo para se reunir com um grupo e discutir. Nos anos 60, estávamos cheios de utopias. Os que agora chegam ao poder nunca desistiram de seus sonhos. Partiram para o exílio, sofreram torturas, mas nunca foram infiéis aos seus sonhos. É preciso buscar a utopia em alguns nichos, e um deles está na pre-ocupação pela vida. A vida é o dom mais precioso do Universo e de cada um. Outro nicho é a espiritualidade. Os seres humanos estão cansados de consumir, de ser ocupados e preocupados, e querem respirar um sentido para além da lógica utilitária. Querem debater o sentido da vida, o que vem depois de nós, qual o segredo que se esconde atrás das estrelas, o que é esse fogo interior em nós, essa fome de beleza, de comunhão, de intimidade, de valores espirituais. São nichos que poderão abrir novos sonhos de integração humana e dar um encaminhamento mais suave e evidente à nossa vida.

**Maria Rita** — Permitam-me uma rápida observação sobre a questão dos jovens. É que eu observo na minha clínica que eles sofrem mais do que nós com esse imperativo de curtir cada momento. Em lugar de curtir, eles só se angustiam.

*“Até hoje só criamos o consumidor, que assiste passivamente à História. O ideal da emancipação moderna é criar o cidadão, que pensa, luta, dialoga, considera o outro e com ele constrói um perfil novo de Brasil.”*

Mas gostaria de fazer uma pergunta sobre a afetividade. Como o senhor lembrou, o afeto tem seu lado positivo, de bom trato, de amor e de carinho, mas só com afeto a gente não constrói coisa alguma. E a sociedade brasileira é marcada justamente por essa tonalidade afetiva em todas as suas relações de civilidade, que ficam comprometidas pelo que Sérgio Buarque de Holanda chamou de “nossa cordialidade”. Então, do mesmo modo que tomamos alguém nos braços para ampará-lo em lágrimas, podemos esmurrar um outro que acidentalmente pisou no nosso pé. Creio, portanto, que precisamos de algum valor, alguma racionalidade que limite nossa afetividade. O contrato social do Brasil não pode passar apenas pela afetividade, pois é com ela que a gente explora e não deixa o explorado perceber que está sendo explorado — porque o patrão é tão bonzinho, porque o presidente é tão legal, porque o político prometeu não sei o quê e passou a mão na nossa cabeça... Penso que, no caso do Brasil, o problema não é a afetividade, e sim a civilidade. Que tipo de valor é urgente impor à sociedade brasileira, para que nosso contrato social seja mais justo?

**Boff** — Toda cultura ocidental é assim, e nós brasileiros temos uma tradição muito autoritária, patrimonialista, de cima para baixo, patriarcal. O valor de civilidade que mais nos faz falta é aceitar a alteridade. Que o outro seja entendido como outro, e se estabeleça um diálogo de mútuo aprendizado, de mútua escuta. A crise da política brasileira está em grande parte aí, no fato de os políticos não ouvirem o povo, cujo capital social não é aproveitado. Essa troca de saberes a partir da alteridade pode enriquecer a cultura brasileira, que será então mais equilibrada e menos violenta — pois nossa cordialidade é de fato afetuosa e, por outro lado, extremamente cruel. E que essa troca faça com que a gente se encontre em pontos comuns, que possamos superar o

paternalismo. O ideal da emancipação moderna é criar o cidadão, porque nós até hoje só criamos o consumidor, aquele que passivamente assiste à História e consome, e não o cidadão, que pensa, luta, dialoga, considera o outro e com ele constrói um perfil novo de Brasil. O resgate desse valor constitui a base para construir um Brasil diferente daquele que herdamos em quinhentos anos de história.

**Sueli** — O senhor costuma dizer que é preciso submeter a economia à política e a política à ética. Gostaria que comentasse essa máxima.

**Boff** — Se há uma lição que devemos aprender de Marx, é esta: a economia é um capítulo da política, e não um capítulo da matemática ou da estatística. Porque é decidida por razões políticas, por interesses, e é em função disso que se estabelecem as metas da política, da forma de produção, de acesso aos bens etc. Portanto, a meu ver, economia é sempre economia política. E que política queremos? Uma política democrática, de inclusão, ou políticas seletivas, em que a democracia pára na porta da fábrica governada pelo autoritarismo? A proposta do Instituto Ethos é que as empresas envolvam seus funcionários na criatividade para decidir a qualidade e até as linhas da produção. Isso é democratizar, é viver a política. Essa política obedece a um ideal ético. Ela quer responder à seguinte pergunta: que imagem nós temos do ser humano como valor? A de um consumidor ou a de um cidadão participante, crítico e criativo? Estamos ajudando a criar condições para que o ser humano se sinta um projeto infinito, que plasma sua vida, decide, assume o que quer ser, opta por solidariedade e cooperação, modera os instintos de fazer-se valer sobre os outros? Esse é um ideal ético. Toda ética depende de uma ótica — a ótica que fazemos do ser humano. Essa é uma questão filosófica, não política. Pensar qual é nosso lugar no conjunto dos seres, o que desejamos

ser, que perspectivas temos. Vamos viver num vale de lágrimas e nos entredevorar ou podemos criar uma montanha de bem-aventuranças? Isso está ao nosso alcance, temos potencialidades que nos levam nesse sentido. Basta acioná-las, dar-lhes direção e harmonia. Não se trata de recalcar os demônios que nos habitam, mas impor limites a eles. Isso formula uma ética que demanda espiritualidade, uma visão mais glo-

bal da vida, do Universo, uma percepção da última causa das coisas e um diálogo com a Fonte originária do ser, chamada Deus, Olorum ou Tao, não importa o nome — aquela realidade que arde em nós, com entusiasmo, como vida, como suprema interrogação, como busca de sentido. Isso deve ter lugar na vida humana e ser uma força estruturadora da sociedade.

**Cortella** — O educador Paulo Freire, com quem tive a honra de trabalhar por muito tempo, dizia que “se você não fizer hoje o que hoje pode ser feito e tentar fazer hoje o que hoje não pode ser feito, dificilmente fará amanhã o que hoje deixou de fazer”. Cito essa frase em meu livro *A Escola e o Conhecimento*<sup>6</sup>, porque ela menciona a idéia daquilo que

é necessário ser feito. Por outro lado, a sua fala é carregada de esperança, e o mesmo Paulo Freire dizia que é preciso ter esperança, mas esperança do verbo “esperançar”, e não do verbo “esperar”. Esperançar é ir atrás, é se juntar, é não desistir. Concluo com uma frase sua, Leonardo, que é uma das que eu mais aprecio: “É a utopia que impede o absurdo de tomar conta da História”. Esse absurdo descrito por você pode ser “esperançado” por nós. Você acredita nisso como coisa primal?

**Boff** — Em seu livro *A Pedagogia da Esperança*<sup>7</sup>, Paulo Freire se dava conta de que a crise da civilização destruiu o horizonte utópico. As pessoas não sabem para que vivem, que encaminhamento dar ao trabalho, à profissão, e por isso se

*“Que política queremos?  
Uma política democrática,  
de inclusão, ou políticas  
seletivas, em que a  
democracia pára na porta  
da fábrica governada  
pelo autoritarismo?”*

voltam ao desfrute destrutivo — “a vida é curta, então vamos desfrutar” —, como se fossem a última geração. Temos de pensar e entender nossa existência como um fenômeno quântico. A física quântica diz que o principal da nossa realidade é o caráter virtual dela. A realidade está carregada de mil possibilidades e nós realizamos nossa trajetória em algumas delas. Somos muitos dentro de nós. E o importante na vida é fazer que esses “muitos” apareçam, que dialoguem e que a gente possa ser muitas coisas. Há um espaço enorme para a esperança, para o futuro, para além daquilo que fazemos concretamente. Tentei trabalhar isso numa metáfora — a águia e a galinha. Hoje, os sistemas mundiais querem nos reduzir a galinhas consumistas e adaptadas a seus galinheiros, enquanto nós temos uma águia dentro de nós e precisamos dar asas a ela, um sonho maior, a capacidade de ultrapassar limitações, ousar violar tabus, criar novas possibilidades. É aí que nasce a utopia. A essência do ser humano é utópica. Não somos simplesmente aquilo que somos, mas aquilo que podemos ser. E o trabalho e a prática, no sentido antropológico, são o modo como eu plasmo minha vida, como me autocrio, abrindo rumos, caminhos, novas esperanças. Não aqueles caminhos já traçados — ter família, filhos, profissão, aposentar-se e morrer enjoado da vida. Temos de morrer pacificados e alegres, agradecendo ao Universo. Eu diria que a utopia é boa porque nunca será alcançada e por isso nos obriga a caminhar continuamente em direção a ela. É como as estrelas: jamais serão atingidas, mas nos despertam visões e iluminam nossas noites. A utopia nos impede de parar satisfeitos, levando-nos a retomar a caminhada continuamente e a dar sentido à nossa existência.

**Mattar** — O senhor aponta a importância de o cidadão cuja principal característica é ser consumidor passar a

ser um consumidor cuja principal característica seja ser cidadão. Percebo que a fragilidade do ser humano, ameaçado pela perda do trabalho, pela perda do emprego e pelo consumismo, leva-o a uma sensibilidade maior para aquilo que está fora dele, para o que diz respeito ao outro, ao social, ao ambiental. Vemos nas ONGs e nos movimentos sociais essa preocupação com o outro, com o cuidado, com o acolhimento.

Sinto que há aí uma possibilidade de equilibrar o masculino praticado dentro das empresas, que trabalha a competitividade e a agressividade, com o feminino que está na sociedade civil e nas organizações sociais, que trabalha o acolhimento e o cuidado. Vejo isso com muita esperança, fundada, mais do que na minha visão utópica, na realidade que estamos vivendo. Gostaria de saber se sua visão coincidiria com isso.

**Boff** — Concordo perfeitamente com essa afirmação. Dois recentes documentos da ONU, um da FAO<sup>8</sup> e outro do Pnud<sup>9</sup>, dizem ambos o seguinte: se a ameaça que pesa sobre a humanidade é tão grande em termos de fome e de má qualidade de vida, temos de dar mais poder po-

lítico às mulheres, para que elas, que têm muito mais capacidade de se acercar e cuidar da vida, ocupem cargos de decisão na humanidade. Também segundo o mesmo Pnud, se quisermos superar a cultura da violência, a cultura do desperdício e da agressão sistemática à natureza, as mulheres devem estar em todos os processos produtivos e de decisão, porque elas têm muito mais a lógica natural da complexidade, a lógica da cooperação, e muito menos a lógica da competitividade. No primeiro momento, as mulheres foram para o trabalho, disputaram com os homens e quase ganharam, se é que não ganharam, em competência e empenho. Nesta segunda fase, elas partem não como quem compete, mas acentuam as diferenças e levam ao mercado de traba-

*“Os sistemas mundiais  
querem nos reduzir  
a galinhas consumistas e  
adaptadas a seus galinheiros,  
enquanto nós temos  
uma águia dentro  
de nós e precisamos  
dar asas a ela.”*

lho as virtudes do feminino, que são o cuidado, a capacidade de formar mais grupos, de cooperar, de ser menos competitivas e mais cooperativas, uma certa reverência com as pessoas. A presença da mulher ajuda a humanizar nosso processo produtivo, e isso deve ser um princípio de civilização. Deve ser levado como uma força nova, para que haja mais parceria homem-mulher, e possamos todos viver uma experiência mais profunda e global sobre o que significa ser humano — homem e mulher —, tornando-nos uma humanidade que deixará para trás os séculos de guerra que desumanizaram homens e mulheres.

**Mattar** — Temos aqui a primeira pergunta da platéia: “Se a crise mundial é de sensibilidade, pois tratamos uns aos outros como objetos, não seria a ética um importante mobilizador no sentido de fomentar a maturidade da civilidade, que é apoiada pelo movimento de responsabilidade social empresarial? E a forma de concretizar essa intenção não teria relação com projetos políticos ligados à garantia de direitos sociais? Como o senhor relaciona, nesse caso, a ética com o direito social?”

**Boff** — Penso que estão surgindo inovações nas empresas que descobrem a responsabilidade social, que buscam não apenas a qualidade de seus produtos, mas qualidade de vida, que se preocupam com a inclusão de seus funcionários para formar uma comunidade produtora. Isto é, você está ali não só para trabalhar, mas também para se humanizar. Esse despertar é um sinal novo, está emergindo e criando lentamente um novo estado de consciência. Daqui a pouco, este será o imperativo categórico para todas as empresas, e não só para as ligadas ao Instituto Ethos. A empresa deve sentir-se dentro do processo global da sociedade, tendo responsabilidade ecológica, social, cultural, espiritual. Essa perspectiva está invadindo a política. O presidente Lula diz muitas vezes algo assim: “Como presidente, não sou um gerenciador de moedas, mercados e inflação; sou alguém que faz a política com o cuidado do povo”. É o que Gandhi<sup>10</sup> dizia: “Política é um gesto amoroso para com o povo, é o cuidado com as coisas de todos”. Aí aparece a dimensão ética da política, e não a dimensão gerencial, técnica. Nós não gerenciamos nossa família, nós cuidamos de nossa família,

nós cuidamos de nossa pátria. Estamos apenas despertando, mas já se descortina um horizonte que nos dá esperança, porque a Terra quer ser salva. Ela grita. Nós não queremos morrer e, antes inconscientemente, mas agora de modo consciente, buscamos estratégias promissoras que permitam à vida fluir novamente.

**Mattar** — Outra pergunta da platéia, desta vez sobre a relação do filósofo Martin Heidegger com o nazismo e sobre o papel dos intelectuais com relação ao poder e à opressão.

**Boff** — É um assunto polêmico, mas, efetivamente, quando foi reitor da Universidade de Freiburg, em 1933, Heidegger usava uniforme marrom e começava as aulas fazendo a saudação nazista. Isso me foi confirmado pessoalmente pelo filósofo Hans-Georg Gadamer, seu aluno, quando estive como professor visitante na Universidade de Heidelberg, em 2001. Mas esse fato não tira a grandiosidade, a profundidade desse filósofo, que está à altura de Tomás de Aquino, Platão, Aristóteles. Ele nos ajudou a entender melhor a existência humana, o habitar poética e prosaicamente o mundo, o trato jovial com as coisas, e criticou o modelo da tecnociência, que é avassalador, que torna tudo objeto, torna as pessoas peças de uma máquina. É de grande importância não perder a lição que ele nos legou. Quanto às relações da intelectualidade brasileira com o poder cultural e econômico, ela esteve, quase sempre, num casamento feliz, que eu diria até meio incestuoso, com o *status* dominante. Muitas das universidades são chocadeiras reprodutoras do sistema, formando os que vão levar adiante a máquina da dominação histórica que assola o povo. Há, porém, aquele filão crítico, que pensa o Brasil com as raízes do Brasil. Mas esse não ganhou hegemonia. O desafio, hoje, é fazer um pacto, uma nova aliança entre a inteligência e a miséria, entre a ciência e a periferia. Os intelectuais da geração de Paulo Freire, os teólogos da Teologia da Libertação fizeram isso, com a opção pelos pobres — contra a pobreza e em favor de sua libertação. Unimos nosso saber mais crítico e epistemológico a um outro saber, que vem do sofrimento, da luta e da observação concreta da vida. Essa aliança faria a grande revolução que faz falta ao Brasil, porque somaria e criaria



um outro intelectual, o que aprende do povo e acompanha o povo. O povo precisa do nosso saber e nós precisamos do que ele tem a nos ensinar. Dizer que o povo é ignorante é ser ignorante. O povo sabe muito e tem sábias lições a nos dar, especialmente o nosso, que é extremamente criativo. E essa troca de saberes nos faria mais humildes, mais aprendizes. Aliaríamos a enorme criatividade do povo brasileiro com a notoriamente reconhecida inventividade de nossos cientistas, poetas e cantores. Estamos acumulando uma massa crítica importante para dar um salto de qualidade sem o qual o Brasil não vai dizer-se a si mesmo, não vai pensar-se a si mesmo. Chegamos a tal ponto de maturidade que precisamos de intelectuais e teóricos que pensem em nosso país considerando suas raízes últimas, sua totalidade, e não apenas as elites, já globalizadas. Devemos enfrentar esse desafio. Que as empresas que incorporam esse saber acumulado valorizem o mais possível todo o saber que esse povo traz, às vezes desconhecido, que pode ser não só humanizador, mas até mais eficaz para manter uma boa produção.

**Mattar** — Eis a terceira pergunta da platéia: “Uma das questões ecológicas fundamentais é o aumento demográfico. Como o senhor vê essa questão?”

**Boff** — O aumento demográfico é de fato preocupante. Há biólogos, especialmente franceses e alemães, que vêem nele um indício do fim da espécie. Fazem comparativos com outras espécies que, quando se aproximam de seu fim, começam a se multiplicar exponencialmente. Mas o ser humano tem racionalidade, e a razão nos permite mudar nosso destino, trocar a lógica das coisas, superar o darwinismo social, a mecânica da seleção pelo mais forte. A razão, a afetividade e o cuidado vão contra isso e acabam tomando

partido do fraco e reconhecendo que ele tem direito a existir, a estar incluído, que ele tem algo a dizer sobre as coisas e por isso viveu até agora. Acho que devemos fazer um raciocínio extremamente crítico em relação às religiões, a começar pela católica, que é, no meu modo de ver, obscurantista, feita por celibatários patriarcais e machistas, que nos fóruns internacionais se unem aos grupos mais reacionários do ce-

nário mundial a fim de vetar todas as políticas mais racionais de planificação da família, de estabilidade populacional da humanidade. Devemos usar a racionalidade, mas uma racionalidade carregada de afeto e sabendo do limite ecológico da Terra, que tem, sim, limites, como todas as coisas. Se queremos sobreviver, devemos criar essas políticas que equilibram a população humana que a Terra pode suportar sem se afundar. O último relatório sobre o estado do planeta dedica um longo capítulo sobre a população, o qual demonstra que, nos locais em que se introduziu a educação familiar e se colocou a mulher como gerenciadora do projeto, a população caiu naturalmente. Aliás, nos projetos de ajuda, não se deve dar dinheiro ao homem, por-

que ele repassa apenas uma pequena parte para a família e consome o resto com os próprios entretenimentos, bebida etc. É dar para a mulher, que logo aplica em comida, educação e na preservação da família. E ela, educada, naturalmente limita a natalidade. Eis aí mais um motivo para colocarmos as mulheres no centro das decisões.

**Mattar** — A próxima pergunta é a seguinte: “Os gregos cultivavam o belo, o verdadeiro, o bom e o útil, nessa ordem. Hoje, colocamos o útil em primeiro lugar. O que podemos fazer para retomar nossos valores mais rapidamente? O senhor disse que começar por nós mesmos é o início. Mas como envolver toda a sociedade?”

*“O ser humano tem racionalidade, e a razão nos permite mudar nosso destino, trocar a lógica das coisas, superar o darwinismo social, a mecânica da seleção pelo mais forte.”*

**Boff** — Penso que aqui devemos incorporar a lição que vem da “teoria da borboleta”. Trata-se de uma derivação da física quântica que diz que tudo está relacionado a tudo; se uma borboleta farfalhar suas asas aqui em São Paulo, esse farfalhar poderá produzir uma tempestade com raios e trovões em cima do Pentágono, lá em Washington. Ou seja, estamos ligados pelos imensos elos da corrente da vida. Portanto, o importante é começar e, se nossa decisão for acertada, no sentido de preservar a vida, de reforçar os laços da inclusão, de favorecer o relacionamento de todos com todos, acontecerá o que ocorre num estádio de futebol: quando alguém se levanta e grita “ola”, ouve-se um segundo grito e, de repente, o estádio todo está gritando “ola” e se levantando. Começa com um e contamina todo mundo — é o efeito borboleta. Temos de acreditar nisso. Uma tempestade pode apagar os incêndios mais devastadores da Amazônia. E o que é uma tempestade? É uma gota somada a outra gota, que se somam a milhões, bilhões de outras gotas e então caem, apagando os incêndios. É preciso acreditar na força da semente que guarda a majestade do pinheiro ou a castanheira frondosa. A semente pode ser cada um de nós. Somos seres seminais, seres comunitários. É importante reforçar a criação dessa onda de benevolência para com a vida e para com a Terra. Chega um ponto em que ninguém a contém, e ela rompe todas as barreiras e inaugura um novo estado de consciência, uma nova fase da humanidade. Então, sim, seremos mais plenamente humanos.

**Mattar** — A última pergunta começa com uma citação do líder budista Daisaku Ikeda<sup>11</sup>: “Fazer a paz e a justiça social é saber conviver com as diferenças”. Esse mesmo filósofo japonês prega a força da revolução humana a que o senhor se referiu. Não seria aí, convivendo com as diferenças, as

dicotomias, as contradições que nos habitam e que também regem os valores da economia das empresas, que estaria um bom começo para a mudança?

**Boff** — Sim, a maior contribuição que o grande pensador Ikeda deu à humanidade e aos empresários japoneses — e tantos deles vão ao seu mosteiro para refletir nos fins de semana — é como com-viver, como ser sinérgico. O ser hu-

mano é a coexistência das contradições. Somos dementes e simultaneamente sábios. Somos altamente destrutivos e ao mesmo tempo cuidadosos, cordiais. O importante é decidirmos concretamente a qual dessas forças vamos dar hegemonia. Que realidade vamos iluminar mais em nós para permitir que ela faça a História? A opção, agora, é querermos tudo o que de luminoso, de cooperativo, de solidário, de cuidadoso existe em nós, e intensificar essas forças, que são extremamente sãs, para que curem as dimensões doentes que também habitam em nós. Não queremos eliminá-las, pois isso seria cortar o ser humano. Queremos integrá-las, para que nada se perca em nós e tudo se torne fonte de dinamismo para cima e para a frente.

A história humana é extremamente dramática. É uma história de bondade, de construção de um convívio civilizado, de ascensão a formas mais altas de comunicação. E, simultaneamente, uma história de violência e de guerras — só no século XX matamos 200 milhões de pessoas em conflitos armados. Mas desta vez não podemos fazer as guerras que fazíamos antes, porque todas elas são de tal maneira destrutivas que, como dizia Albert Einstein, “não sei como será a próxima guerra nuclear; o que sei é que a guerra seguinte será feita com pedras e bastões”. Será a humanidade regredida à barbárie e sobrevivendo como gente da pedra lascada. O caminho da guerra não é mais caminho nenhum. Não há guerra santa, nem guerra justa, nem guerra humanitária, porque

*“Não há guerra santa,  
nem guerra justa,  
nem guerra humanitária,  
porque toda guerra  
é uma agressão  
à humanidade.  
Não temos alternativa  
senão a paz.”*

toda guerra é uma agressão à humanidade. Não temos alternativa senão a paz, tão bem definida pela *Carta da Terra* como “a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com as outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com a totalidade maior da qual somos parte”. Se pessoalmente mantenho essa relação sempre articulada, sempre dinâmica, o resultado é a paz, o bem pelo qual ansiamos hoje e que pode ser criado coletivamente. O caminho para a paz é a paz mesmo. A paz não é apenas meta, mas também método. Só meios pacíficos podem gerar a paz, a paz sonhada por Kant, como a virtude primeira da globalização, a paz perpétua entre os povos, com as virtudes da hospitalidade, da acolhida, da tolerância, da convivência nas diferenças e da comensalidade — sentarmos juntos para comer juntos, agradecendo a generosidade da Criação.

**Mattar** — Muito obrigado, frei Boff. Saímos hoje alimentados para a vida, na certeza de que a paz é um processo de respeito à fragilidade humana, e que, de fato, o novo nome da paz, como disse o papa João XXIII, é justiça social, uma justiça baseada na solidariedade positiva, na compaixão, no cuidado, no acolhimento, na delicadeza... Para encerrar esta sessão, compartilho com vocês algo daquilo que nossos índi-

os nos ensinam e infelizmente descartamos: as palavras *akatu* e *yandê*, das quais nos apropriamos lá no Instituto Akatu, criado pelo Ethos. *Akatu* é uma linda palavra tupi. O termo *a* quer dizer “semente” e “mundo”, porque, na cultura tupi, a semente contém o registro das árvores e da floresta e, portanto, contém o mundo. E a semente é aquilo que nasce e renasce, como é necessário que façamos — cuidar e acolher o mundo para que ele possa nascer e renascer. *Katu* quer dizer “bom” ou “melhor”. *Akatu* é, portanto, “uma semente boa para um mundo melhor”. A segunda palavra é *yandê*. O tupi têm três palavras para “nós”: a primeira é um pequeno “nós”, que é *oré*; a segunda é um grande “nós”, que, quando masculino, é *yandé* e, quando feminino, *yandê*. O que Leonardo Boff nos trouxe, e que foi aqui corroborado pelo Mário Sérgio Cortella, pela Sueli Carneiro e pela Maria Rita Kehl, é uma viagem em que estamos nos aventurando e na qual cada um de nós é *akatu*, uma semente boa para um mundo melhor. Que possamos criar o *yandê*, um grande “nós” feminino, e não apenas das mulheres, mas também dos homens, incorporando essa dimensão do feminino e trazendo o equilíbrio entre o feminino e o masculino, que poderá efetivamente construir a paz que cuida do humano.

## NOTAS

- <sup>1</sup> O físico e ecologista austríaco Fritjof Capra é um dos fundadores do Center for Ecoliteracy (Centro de Eco-Alfabetização), em Berkeley, Califórnia, nos EUA, instituto que divulga o pensamento ecológico nas redes de ensino. É autor, entre outras obras, de *O Tao da Física* (1975), *O Ponto de Mutação* (1982) e *A Teia da Vida* (1996), best-sellers que se tornaram referência do pensamento científico, social e filosófico contemporâneo (N. do E.).
- <sup>2</sup> Carl Sagan (1934-1996), astrônomo e astrofísico americano, foi um influente divulgador da ciência (N. do E.).
- <sup>3</sup> O filósofo alemão Jürgen Habermas (1929-) é um dos expoentes da Escola de Frankfurt, corrente filosófica iniciada em 1923 no Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt, na Alemanha (N. do E.).
- <sup>4</sup> Tido por muitos como o maior pensador do século XX, Martin Heidegger (1889-1976) lançou *O Ser e o Tempo* (*Sein und Zeit*), sua principal obra, em 1927 (N. do E.).
- <sup>5</sup> O sociólogo Herbert de Souza (1935-1997) foi criador do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e da Ação pela Cidadania contra a Miséria e pela Vida (N. do E.).
- <sup>6</sup> Cortella, Mário Sérgio. *A Escola e o Conhecimento*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.
- <sup>7</sup> Freire, Paulo. *A Pedagogia da Esperança: um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- <sup>8</sup> FAO — Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (N. do E.).
- <sup>9</sup> PNUD — Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (N. do E.).
- <sup>10</sup> O líder pacifista indiano Mohandas Gandhi (1869-1948), conhecido como Mahatma (“grande alma”), liderou o movimento de desobediência civil que culminou na independência da Índia do domínio britânico (N. do E.).
- <sup>11</sup> O filósofo e escritor Daisaku Ikeda (1928-) é presidente da Soka Gakkai International (SGI), associação budista de origem japonesa registrada desde 1983 como ONG do Conselho Econômico e Social da ONU. A principal atividade da SGI é promover a paz, a educação e a cultura em todo o mundo (N. do E.).

## PERFIL DOS PARTICIPANTES

### *Leonardo Boff*

Nascido em 1938, em Concórdia, Santa Catarina, o teólogo Leonardo Boff pertenceu à Ordem dos Frades Menores Franciscanos de 1959 a 1992. Doutorou-se em teologia e filosofia em 1970, pela Universidade de Munique, na Alemanha, e é doutor *honoris causa* em política pela Universidade de Turim, na Itália, e em teologia pela Universidade de Lund, na Suécia. Com outros teólogos, formulou a Teologia da Libertação, movimento que implicou revisões profundas na Igreja Católica. Em 1992, por pressão do Vaticano, abandonou as atividades eclesásticas. No ano seguinte, prestou concurso e foi aprovado como professor de ética, filosofia da religião e ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi professor visitante em várias universidades, como Harvard, Basiléia e Heidelberg. Autor de mais de 60 livros sobre teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística, recebeu em 2001 o Prêmio Right Livelihood, o Nobel da Paz alternativo.

### *Helio Mattar*

Formado em engenharia de produção, com mestrado em planejamento econômico e doutorado em gerenciamento e engenharia industrial, é diretor-presidente do Instituto Akatu pelo Consumo Consciente e conselheiro do Instituto Ethos.

### *Maria Rita Kehl*

É doutora em psicanálise, jornalista, ensaísta e poeta, tendo publicado, entre outros, o livro *Sobre Ética e Psicanálise*, de 2002.

### *Sueli Carneiro*

Formada em filosofia, é fundadora e diretora-executiva do Geledés — Instituto da Mulher Negra, articulista do jornal *Correio Braziliense*, pesquisadora do CNPq e conselheira do Instituto Ethos.

### *Mário Sérgio Cortella*

É consultor organizacional no campo da ética, da educação e da gestão do conhecimento e professor-associado do Departamento de Teologia e Ciências da Religião e do curso de pós-graduação em educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

INSTITUTO  
**ETHOS**

---

EMPRESAS E  
RESPONSABILIDADE  
SOCIAL

---

BUSINESS AND SOCIAL  
RESPONSIBILITY

---

[www.ethos.org.br](http://www.ethos.org.br)